

O PUNCTUM BARTHIANO: LEITURA LITERÁRIA E ESTÉTICA DAS SENSIBILIDADES

Maximiano Martins de Meireles¹

Verbena Maria Rocha Cordeiro²

Resumo: O presente texto aborda as relações entre leitura literária e sensibilidades, tomando de empréstimo os conceitos de *studium* e *punctum*, ambos desenvolvidos por Roland Barthes em *A Câmara Clara*.

Palavras-chave: Leitura literária; sensibilidades; *studium*; *punctum*.

Neste texto buscamos pensar a leitura literária como uma experiência, sendo o texto - conteúdo, formas, e símbolos - um elemento desencadeador de efeitos estéticos e sensibilidades. Para tanto, recorreremos aos conceitos de *studium* e *punctum*, ambos trabalhados de modo instigante no livro *A Câmara Clara*, por Roland Barthes (2012). Em *A Câmara Clara*, Barthes (2012) mostra que sua relação com o texto, neste caso a fotografia, é marcada por uma pulsão de sentimentos, uma experiência sensível no meu ver: pequenos júbilos, desejo, nostalgia, luto, repulsa, aversão, irritação. Sua perspectiva de análise da Fotografia se dá nesse sentido: “eu só me interessava pela Fotografia por ‘sentimento’; eu queria aprofundá-la não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (BARTHES, 2012, p. 28). Assim, se a fotografia o interessa porque lhe provoca um sentimento, uma aventura, uma animação, por exemplo, ele se deixa atrair, olha em posição de existência. A força do afeto: quando a fotografia funda a copresença de elementos descontínuos, heterogêneos, o que provoca vastidão, emoção, ferida.

Nesta perspectiva, mobilizamos o conceito de *studium* e *punctum* (BARTHES, 2012), sobretudo este último, para pensar o leitor-professor e sua relação com a leitura, mais especificamente no que se refere ao texto literário. Ou seja, deslocamos do campo da fotografia no modo como Barthes o concebeu, para abordá-lo no âmbito da leitura literária. O *punctum* é um conceito que se desdobra em muitos tentáculos, permitindo abordar a recepção do texto sob diferentes nuances, por isso nosso interesse em pensá-lo nesta relação: o leitor-professor e a estética das sensibilidades. Sobre esses referidos conceitos, Barthes (2012, p. 31) relata:

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*), que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o *studium*. Dessa vez não sou eu quem vou buscá-lo [...] é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida. Essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à ideia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas, são precisamente pontos. Esse segundo elemento que vem contrariar o *studium* chamarei então *punctum*; pois *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere) (BARTHES, 2012, p. 31).

¹ UNEB/FAPESB. E-mail: maxymuus@hotmail.com.

² UNEB.

A partir dos argumentos levantados pelo autor, o *studium* pode ser pensado como uma recepção da leitura que se pauta em esquemas, critérios, intencionalidades e objetivos mais definidos, teria mais a ver com processos de codificação, classificação, análise, compreensão e interpretação que se vinculam a um saber cultural e histórico vasto. Barthes reconhece seu interesse pela fotografia neste âmbito, sendo um percurso analítico que ele não menospreza, até porque, como um importante professor e crítico, sua trajetória acadêmica e as atividades intelectuais sempre estiveram ligadas à ordem do *studium*. Mas não hesita em afirmar que este mobiliza um meio desejo, um meio querer, uma espécie de interesse vago, mais geral, indolente. Ao comentar uma das fotos apresentadas no livro, ele ainda diz:



Os sapatos de presilha, James van der Zee: Retrato de família, 1926

O *studium* é claro: interesse-me com simpatia, como bom sujeito cultural, pelo o que a foto diz, pois ela fala (trata-se de uma ‘boa’ foto): ela diz da responsabilidade, do familiarismo, do conformismo, do endomingamento, um esforço de promoção social para enfeitar-se com os atributos do Branco (esforço comovente na medida em que é ingênuo). O espetáculo me interessa, mas não me ‘punge’ (BARTHES, 2012, p. 47).

O *punctum*, por outro lado, tem a ver com detalhes que despertam a atenção da recepção de maneira mais aguda e pungente. As imagens criadas por Barthes (2012) ao relacionar o *punctum* a uma flecha que transpassa, a uma lança, uma picada, a um instrumento pontudo que marca, sugerem a sutileza e a agudez desses elementos que ferem, provocam dor, perturbam e incomodam o leitor, mobilizando involuntariamente o afeto. O *punctum* revela, assim, duplamente sua força: seja de modo sutil, feito pequenos pontos sensíveis, mosqueados, quase imperceptíveis, o que me lembra o incômodo que uma mosca causa ao pousar em um corpo; seja de modo intenso, espesso, forte, como um instrumento capaz de ferir, fazer sangrar. Tem a ver, portanto, com aquilo que não se pode ficar indiferente.

Para Barthes (2012), o *punctum* trata-se também de um suplemento, aquilo que o espectador/leitor acrescenta à foto, mas que todavia já está nela. Nas palavras do autor, é “como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver” (BARTHES, 2012, p. 57). Em uma paráfrase, digo que o *punctum* lança o leitor para fora do texto. E este elemento que o lança para fora é o que possibilita, na minha percepção, um encontro com a subjetividade, as

experiências particulares, as memórias pessoais, enfim, as singularidades. O leitor não ler apenas o texto, também ler a si mesmo, a sua vida, o mundo.

O *punctum* diz respeito a uma apreciação singular, subjetiva, uma vez que pode manifestar-se diferentemente para cada leitor. Está no crivo da recepção, diga-se uma recepção mais ligada ao afeto porque tem a ver com a maneira como cada leitor se relaciona com o texto, deixando entrever aspectos de sua subjetividade, de seu íntimo, de sua experiência no mundo.

Isso remete a um relato que Barthes faz no livro *A Câmara clara*. Ele nos conta que estava sozinho no apartamento em que há pouco tinha morrido sua mãe. Ao deambular sobre fotografias, redescobre sua mãe naquela menina aos cinco anos (1898). Ele está diante da Fotografia do Jardim de Inverno, diante de uma foto que o lança aos desvãos do tempo, da memória e do afeto.

Se ao longo do livro ele apresenta 24 fotografias, que são intercaladas quase que sincronicamente aos quarenta e oito breves textos que compõem a obra, curiosamente, prefere não mostrar ao leitor a imagem que mais intensamente discute no livro, entrevedo um afeto que é apenas seu:

(Não posso mostrar a Foto do Jardim de Inverno. Ela existe apenas para mim. Para vocês, não seria nada além de uma foto indiferente, umas das mil manifestações do ‘qualquer’; ela não pode em nada constituir o objeto visível de uma ciência; não pode fundar uma objetividade, no sentido positivo do termo; quando muito interessaria ao studium de vocês: época, roupas, fotogenia; mas nela, para vocês, não há nenhuma ferida)” (BARTHES, 2012, p. 70).

Se de um lado concordamos com o autor, por outro ficamos a nos interrogar, colocamos o pensamento em suspensão: este afeto que lhe é seu, ao ser compartilhado, não poderia tornar-se, de algum modo, do outro? Desconfio que Barthes cria implicitamente e propositalmente este jogo, até porque quando se trata da condição humana há uma linha tênue entre as questões particulares e universais. Outra questão comparece: aquilo que parece ser “exclusivamente” da experiência de uma pessoa, de seu íntimo, de sua subjetividade... não pode alcançar a singularidade do outro?

Pensar a recepção do texto na perspectiva do *punctum* implica em dar lugar a uma cartografia das sensibilidades. Por um lado, fazer saltar a experiência sensorial que atravessa a relação do leitor com o texto e de outro amortecer a excessiva ênfase no conteúdo, no jogo compreensão-interpretação, para abrir-se aquilo que o texto pode provocar. Isto não significa abandonar a perspectiva da recepção do texto no âmbito do horizonte histórico, cultural, político, ou seja, deixar de lado o intelecto, mas apostar também numa erótica da leitura, nos diversos planos de leitura e diversas tonalidades leitoras que os sentidos produzem ou nos modos como os leitores são afetados pelos textos lidos e compartilhados. Significa dizer que a leitura segue outras vias... posto que não é só da ordem do intelecto, é quando o corpo age e reage. O *punctum* é, portanto, mais uma reação frente ao texto (ou ao mundo) que propriamente uma compreensão-interpretação.

Esta perspectiva de recepção do texto, que ao nosso ver extrapola para um modo de recepção do mundo, escapa ao olhar e às relações prosaicas, só é possível quando se instaura o afeto, mais profundamente o sensível. É quando os sentidos, sentimentos e percepções seguem outras rotas que não as do pensamento racional. Tem a ver com aquilo que toca, fere, emociona, ou seja, uma experiência mais sensorial e menos intelectual.

Pensamos que uma estética das sensibilidades no âmbito da formação do leitor dá vazão ao *punctum* mas não exclui o *studium*. Até porque, como afirma Barthes trata-se de uma copresença. É o saber histórico e cultural do segundo, esse saber mais vasto, como ele mesmo diz, que divide a cena com o primeiro, este extracampo sutil que está na ordem do afeto.

Ao tratar desses dois conceitos, articulando-os ao campo das Sensibilidades, é pertinente o posicionamento de Pesavento (2005, p. 129) quando afirma:

Mas *studium* e *punctum* convivem, bem certo, são mesmo indissociáveis, uma vez que tudo o que toca o sensível é, por sua vez, remetido e inserido na cultura e na esfera de conhecimento científico que cada um porta em si. Contudo, a dimensão desse mundo sensível que se constrói com o espectador e leitor não se rege por leis, regras ou razões, mas pelos sentimentos e emoções.

A observação feita por Entler (2006), em artigo intitulado *Para reler A Câmara Clara*, elucida bem essa nuance quando o autor argumenta que o *punctum* é uma experiência que independe, a priori, desta recepção sobre a imagem como objeto cultural, pois o compromisso não é o de compor uma mensagem. Entretanto, este detalhe que parece tocar o espectador/leitor é mediado por um conteúdo comunicativo, inserido em uma dada cultura e ou contexto social. O *punctum* como forma de recepção do texto e do mundo tem a ver com a subjetividade do leitor, sendo a leitura uma experiência singular e subjetiva, embora situada em um contexto cultural e coletivo.

É quando as sensibilidades percorrem o fio labiríntico para compreender, nesses intrincados atos de ler, os diferentes modos de ser, estar e se colocar diante do texto, da vida e do mundo. Trata-se, portanto, daquilo que punge, afeta, desestabiliza saberes e desdobra-se na reinvenção do leitor. A isto nomeamos de estética das sensibilidades.

Referências

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ENTLER, Ronaldo. Para reler A Câmara Clara. *FACOM*, n. 16, 2. sem. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Tempos acadêmicos*, n. 3, UNESC, 2005.